

Editorial

Sérgio Niza

Arastamos connosco, do século XX, a incapacidade de responder ao difícil dilema da escola contemporânea. Tal incapacidade resulta de as sociedades confiarem na escolarização para que esta lhes assegure a sua continuidade e segurança e, simultaneamente, para que a mesma escolarização crie nessas sociedades as mudanças sociais necessárias ao seu desenvolvimento humano e cultural. Pretende-se, ainda, que a escola satisfaça as necessidades de formação para a globalização dos mercados e o domínio mundial das políticas neoliberais.

Este incumprido e problemático programa do passado será de novo o programa estratégico imposto à escola do século XXI.

Foi também no século passado que se clarificou o estatuto de um instrumento programático para satisfação das dilemáticas funções políticas da escola. Sujeito a progressivas transformações e com a designação de *currículo* foi inspirado nos projectos empresariais de organização da produção e nos seus métodos de controlo e avaliação. Tomou forma mais sistemática, com a inspiração *taylorista* que lhe emprestou Bobbitt em 1918. A forma de produção em cadeia, casava-se bem com a mentalidade estruturadora da escola desde o século XVII, pensada para escolarizar muitos como se se tratasse somente de um. Tal racionalidade económica geradora do lucro e da eficácia, pouco se compatibiliza com a missão educativa da escola de restituir aos homens e às mulheres, desde crianças, a sua humanidade, historicamente construída.

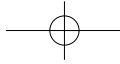
Nestes tempos de alongada transição, dominada pelo totalitarismo neoliberal que aumentou selvaticamente as desigualdades e a exclusão, que acelerou as deslocizações e que vem devastando o planeta, os profissionais da educação não podem continuar a acalentar a indiferença pelo futuro dos que dizem educar.

Portugal conseguiu, com a desatenção de todos nós, atingir de entre os países da União Europeia o maior fosso entre ricos e pobres. Revela-o a ONU.

Urge buscar outros caminhos possíveis. Um desses novos caminhos abriu-se em Porto Alegre em 2001, no Fórum Social Mundial como «espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para acções eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital ou por qualquer forma de imperialismo e que estejam empenhados na construção de uma sociedade planetária orientada para uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra».

A partir desse Fórum, têm-se multiplicado os encontros sobre problemáticas diversas da vida dos humanos. Por isso os Fóruns Sociais para a Educação, como era indispensável, têm tido expressão em muitos países, nos anos recentes.

Em Espanha, entre os dias 29 de Outubro e 1 de Novembro de 2005, terá lugar o primeiro Fórum Social Ibérico para a Educação (FSIPE).



O nosso Movimento (MEM) será um dos seus organizadores.

Em Córdova, espaço mítico de antigo e frutuoso convívio entre os povos do Livro que habitaram a Península Ibérica desde o século oitavo, estaremos para confirmar, num esforço compartilhado, que «um outro mundo é possível».

Neste nosso Fórum Ibérico celebraremos o encontro histórico dos profissionais da educação dos povos de Espanha com os do povo Português, hoje, sentindo-se unidos pela Europa que os separou no passado.

No FSIPE, tal como se declara na Carta de Princípios do Fórum Social Mundial, procuraremos «fortalecer e criar novas articulações na-

cionais e internacionais, entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como na da vida privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado para que se reforcem as iniciativas humanizadoras em curso, pela acção desses movimentos e entidades».

Não esqueceremos, por isso, que, como escreveu Boaventura Sousa Santos, «Não há democracia sem educação popular. Não há democracia das práticas sem democracia dos saberes». Com esta convicção nos afirmamos no Movimento da Escola Moderna de Portugal desde há quarenta anos.

